

## Casa, lugar nobre para a vivência da “amizade social”

“A cidade se aglomerou em frente à porta da casa” (Mc 1,33)

O Evangelho de Jesus é experiência de “**casa**”, de **encontro** e **comunhão**, de palavra para todos, lugar aberto à novidade do Reino. Nessa casa vai sendo gestada a nova família de Jesus, espaço aberto e de acolhida. As comunidades cristãs devem recordar que não são um lugar religioso onde se vive da Lei, mas um lar onde se aprende a viver de maneira nova em torno a Jesus.

A primitiva comunidade dos seguidores de Jesus não começou formando uma nova religião instituída, nem se preocupou com construções de templos ou com organizações hierarquizadas; ela se apresentou como uma federação de casas abertas, a partir dos pobres e para os pobres, criando redes de comunicação e de vida fraterna, casas-família, impulsionadas pelo testemunho e presença do Espírito do mesmo Jesus.

“*Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum... partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração*” (At. 2,44-46).

A **casa** deve ser escola de encontro e fraternidade, lugar privilegiado para a vivência da “amizade social”. A comunhão (comum união) é celebrada entre suas paredes que, em seguida, se expande para além de seus limites, despertando uma sensibilidade solidária.

A casa prepara para a vida, pois é ali que os fundamentos de uma personalidade vão se solidificando.

Para Jesus, ser “humano” é ser casa aberta e acolhedora.

O evangelho de Marcos apresenta Jesus como “*tekton*” (6,3), construtor (pedreiro, ferreiro, carpinteiro...), e seu ofício era construir casas. Um dia descobriu que sua missão não era construir mais casas para o sistema injusto; deslocou-se, então, para as periferias, em direção aos sem-teto e iniciou um movimento de transformação, a fim de que todos pudessem ter “casa na terra de Deus”. Quis construir sobre o mundo a nova Casa do Reino, aberta a todos, com pão, com palavra, com amor mútuo. Ele, que não teve onde reclinar a cabeça, quis que todos os homens e mulheres tivessem casa, família... cem vezes mais.

Assim, deixando seu trabalho de construtor, se fez “*arqui-tekton*” do Reino de Deus, onde todos pudessem construir suas casas em bases sólidas, começando pelos excluídos sociais: leprosos, cegos, paralíticos, coxos... Não construiu casinhas para pobres sem teto nas ladeiras e encostas da Galiléia, mas moradas com fundamentos na rocha; ou seja, ofereceu-lhes dignidade e consciência, solidariedade e desejo de viver, espírito de comunhão e partilha... para que eles mesmos pudessem criar novas moradas (construí-las e compartilhá-las). A boa nova da “Casa de Deus” (para todos) devia começar pelos mais pobres, excluídos, sem-teto e sem-terra, portadores de uma nova esperança de vida e casa compartilhada.

Vale destacar uma constante nos Evangelhos: a **casa** como lugar preferencial da ação de Jesus e da missão dos seus discípulos. Certamente Jesus ensinava nas sinagogas, mas ali sempre encontrava a resistência e o fechamento daqueles que faziam da Lei o centro da vida; por isso, Jesus, como um inspirado mestre, revela um “novo ensinamento”, não em lugares fechados e controlados, mas em espaços abertos, nos campos, à beira do lago de Genezaré, nos caminhos poeirentos, nas casas...; Jesus se dirige aos lugares onde homens e mulheres realizam suas atividades comuns, no simples ambiente do trabalho cotidiano e, de maneira privilegiada, nas **casas**, começando pela sua própria, em Cafarnaum, onde fora residir.

Jesus, como itinerante, dá início a um “*movimento de casas*”. É que a casa acaba sendo o espaço alternativo que melhor corresponde à atuação do Mestre, enquanto ponto de partida e de chegada de sua missão itinerante. É a partir das casas que Jesus exerce, à margem do que está estabelecido, sua autoridade em favor da vida, sem depender de instituições e funções previamente normatizadas.

Sua maneira de se relacionar com as pessoas marginalizadas e excluídas põe em marcha um movimento de inclusão onde, uma **casa acolhedora** e uma **mesa partilhada** com os menos favorecidos, esvaziam qualquer pretensão de poder, de prestígio, de situar-se acima dos outros, devolvendo a todos a dignidade perdida.

Em um mundo no qual as relações se estabelecem através da força, da dominação, do poder, Jesus inicia um “*movimento de vida nas casas*”, ou seja, Ele nos introduz na nova ordem de relações que devem caracterizar o Reino: aqui a vinculação fundamental é a da irmandade no serviço mútuo.

Inaugura-se um estilo novo no qual o “desenho circular” desloca e dá por superado o “modelo hierárquico”. É fácil concluir que esta rede de seguidores nas casas acabe se organizando de uma forma concêntrica, ao mesmo tempo que horizontal, tendo Jesus como centro e reforçando os laços de amizade de todos aqueles que se encontram em torno a Ele; tal organização se diferencia das estruturas piramidais e hierárquicas, próprias de toda e qualquer instituição, com os riscos de esclerose que lhe são inerentes.

Aqui, revela-se sumamente estimulante re-situar a continuidade da causa de Jesus de Nazaré nos ambientes fraternos e igualitários, onde a casa se revela como espaço próprio da simplicidade e da cotidianidade.

Assim, através de uma rede eficiente, ampliada e centrada no Mestre e com funções complementárias, seus

seguidores, a partir das casas, prolongam o ministério de Jesus: “viver em saída”, deslocar-se em direção aos excluídos, revelar a presença do Pai na simplicidade do cotidiano das pessoas, etc.

Neste sentido, a **casa** cumpre uma função vital para a expansão da causa do Reino de Deus. Em outras palavras, a causa de Jesus (Reino) encontra nas casas seu lugar natural.

Seria um erro pensar que a **comunidade cristã** é uma família que só pensa em seus próprios membros e vive de costas ao sofrimento dos outros. O relato de Marcos nos diz que, “depois do pôr-do-sol”, quando terminou o sábado, levam até Jesus todo tipo de enfermos e possuídos por algum mal.

“A cidade inteira se aglomerou em frente à porta da casa” (Mc 1,33). E a porta não estava fechada, nem tinha que chamar, nem esperar numa ante-sala..., porque Jesus estava fora, acessível, com tempo, sem pressa. Os olhos e as esperanças daqueles que sofriam buscavam a “porta” dessa casa onde está Jesus: uma porta sempre aberta, acolhedora.

A Igreja só atrairá de verdade quando for “porta aberta” que recebe a todos, e as pessoas que sofrem puderem descobrir dentro dela a presença de Jesus que cura a vida e alivia o sofrimento. À porta de nossas comunidades há muita gente sofrendo, que pede proximidade para estender a mão carinhosa e levantá-los.

Para Jesus, **ser “humano” é ser casa aberta e acolhedora**. Tal atitude pede “mais portas e janelas e menos espelhos”. No espelho nós nos vemos; e o que vemos não é o que somos, mas o que aparentamos ser. Desta percepção não saímos. O horizonte perceptivo é mínimo. O espelho é incapaz de revelar a verdade de nosso ser e de ampliar nosso mundo afetivo e social.

As portas e janelas, pelo contrário, ampliam nosso horizonte. Através delas renova-se o ar denso e irrespirável do interior da casa que geramos fechados em nós mesmos. As portas e janelas nos situam em comunhão com a natureza e com a sociedade, sem a qual não existe relação humana. Elas servem para apontar aos outros que eles fazem parte de nossa vida e que, abertas, indicam que podem entrar em nossas vidas.

Como seguidores(as) de Jesus, habitando em casas construídas sobre a rocha do Evangelho, deveríamos nos preocupar mais com as portas e janelas e menos com os ornamentos dos espaços interiores. É preciso descobrir outros rostos e de maneira especial, rostos feridos, machucados e necessitados de abraço.

**Textos bíblicos: Mc 1,29-39 Jo 12,1-11 Lc 19,1-10 Mt 7,24-27 Atos 2,42-47**

**Na oração:** A casa “imprime caráter” ou nós imprimi-

mos caráter à casa? Tudo vai depender como se encontra a “casa interior”, o próprio coração.

Nesse sentido a casa torna-se Templo do Espírito pois ela nos ajuda a fazer contato com nossas **“moradas interiores”**: lugar de intimidade com Deus, espaço de contemplação, ambiente de discernimento e construção de decisões.

- É do “interior habitado por uma Presença” que brota o impulso para a saída de si e viver a “cultura do encontro”.

- Seja “casa cristificada” onde a mão estendida se revela como gesto contínuo, sinal visível de um coração compassivo e acolhedor.

- Você percebe que sua casa é prolongamento da **Casa do Reino**, desejada e construída por Jesus? Quê sinais você encontra nela que confirmam ser uma “casa cristificada”?

